

**José de Mesquita**  
Da Academia Matogrossense de Letras

## Revista de Cultura

### O Poeta da “Flor de Neve”



— Ano V, (setembro e outubro de 1931), nº 57 e 58 —  
Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



**José Barnabé de Mesquita**  
(\*10/03/1892 †22/06/1961)  
Cuiabá - Mato Grosso

**Biblioteca Virtual José de Mesquita**  
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>



## O Poeta da “Flor de Neve”

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano V, (setembro de 1931), nº 57, p. 104-107.

(Antônio Gonçalves de Carvalho)

### V

Não muita gente entre nós conhecerá o romance de Gonçalves de Carvalho «Os companheiros do rancho», editado em 1918, no Rio, pelas officinas typographicas d’«A União».

E, entretanto, é este um dos poucos romances genuinamente matogrossenses e por este facto, quando não fosse pelo seu próprio valor intrínseco, mereceria mais ampla divulgação, em nosso meio literário.

Carvalho e quasi desconhecido como novellista.

Muitos dos nossos conterrâneos e mesmo muitas patricias nossas, a que o inverno dos annos vae ennevando o negror das comas luzidias, recordar-se-ão do inspirado Mericano, poeta da «Flor de Neve», e dos doces, romanescos episódios daquelle idyllio frustre, perpetuado em deliciosos versos singelos e tocantes, que revivem uma pagina sentimental da nossa vida provinciana.

A outros, estudiosos do nosso passado, aos assíduos cultores dos nossos problemas econômicos e políticos, o nome do dr. Carvalhinho trará á memória os seus minudentes estudos sobre a estrada de ferro — velhíssima e ainda insolucionada aspiração cuyabana — publicados sob o pseudonymo A. Bueno. Ninguém o conhece, porém, como romancista, delicado pintor das nossas paisagens sertanejas, e sagaz, atilado analysta dos nossos costumes do «interior». E isso pela razão muito simples de que nenhuma publicação bibliographica referente ao nosso biographado allude a esta novella, que foi conservada, longo trato de tempo, em original, só vindo a ser dada a lume, em edição póstuma, por louvável iniciativa do «Centro da Boa Imprensa», então dirigido pelo dr. Abelardo Bueno de Carvalho, filho do dr. Carvalhinho.

Feliz acaso proporcionou-me ler esse interessante livrinho.

Pertence pelo gênero, que o próprio nome esta inculcando, á chamada «literatura de guerra», que também a tivemos, bem que não muito numerosa, depois do conflicto em que nos empenhamos com a dictadura de Lopes, o tyranno imperialista do Paraguay. Carvalho, como já ficou dito, servira de auditor de guerra junto ás forças que operaram no Sul da então provincia de Mato Grosso e colheu, naturalmente, nesse período, as observações flagrantes e vivas que transplantou ao depois para o romance.

Desenvolve-se o enredo durante a marcha das tropas desde o Coxim até Miranda, de Março a Setembro de 1866, atravessando a zona do Rio Negro, Tabôco e Aquidauana. Os «companheiros de rancho» são quatro officiaes da expedição ligados pela mais estreita e leal camaradagem — o Freitas, o Costa, o Neves e o Leite. As scenas da marcha penosa, quasi heróica, através dos pantanaes sulinos, são descriptas numa linguagem elegante e sem grandes atavios, que impressiona, porem, pelo cunho de fidelidade de que se reveste. Há passos tocantes, como a morte do Leite, victimado pela infecção paludica, que inumeras vidas ceifou entre os expedicionários; outros chistosos, de irresistível bom humor, como o da «ronda» do mesmo Leite — por signal um dos typos mais bem focados no romance; outros, emfim, de uma doçura de idyllio pastoril, como os que relatam o amor do Freitas pela encantadora Maria.

Esta «Maria do Lima» é um bello typo feminino delicadamente esboçado no seu painel nativo, uma criação literária digna de figurar ao lado das grandes heroínas que o sentimento immortalizou nas telas de arte.

A sua figura passa envolvida em velada poesia, num halo que lhe empresta a discreta paixão do narrador, enchendo de espirital encantamento toda a doce novella sertaneja.

Os outros typos são igualmente debuxados ao natural: o velho Lima e a mulher, verdadeiros *specimens* dos nossos matutos, honestos e laboriosos; o somitico Netto, o misero Rodrigues, o bondoso Dr. Pereira, o impagável Garibaldino, todos constituem uma formosa galeria de evocações transplantadas do vivo, da realidade ambiente.



O estylo, com senões que a época justifica, é vivo, natural, impressivo: afina-se com o fundo, com a inspiração, simples e nem por isso falho de graça.

Citarei a esmo alguns trechos: — a descrição do «cerrado», que o autor, numa bella pagina descriptiva, compara com a matta (pag. 105); a narrativa que a Pedroso — camarada do Freitas — lhe faz do ultimo encontro com a Maria, em phrases como esta, de extrema naturalidade: «Apenas *nha* Maria deu commigo, levantou-se com ânsia, mas logo *esfriou*, como querendo *occurtá* seus sentimentos ...» (pag. 110); a apologia do burity «companheiro da água no deserto» (pag. 113) e tantas que fora longo enumerar.

Desabafa-se o autor em rudes invectivas contra o descaso a que o governo votára a expedição, deixando-a soffrer os horrores da fome, sem uma base militar segura, sem viveres, nem recursos. É, por certo, esta a parte fraca do livro, muito pessoal e apaixonada, que não lhe tira, entretanto, o merecimento. Essa obra permanecerá como um padrão destinado a perpetuar a coragem e a resistência heróica dos nossos soldados e, ainda que em menores proporções, deverá figurar, nas bibliothecas mattogrossenses, ao lado da «Retirada da Laguna» e outros livros desse gênero como «O guia de Matto Grosso», de Eduardo de Noronha, que também se passa nessas terras do Sul, sagradas pelo sangue de tantos heroes, terras que o nosso poeta-arcebispo assim celebrou em um dos seus formosos carmes patrióticos:

*«Eu canto o teu passado, eu canto a heróica etapa  
dessa atroz retirada, em que a sangrenta pista  
dos martyres sagrou, numa luz nunca vista,  
do teu fecundo solo o legendário mappa!»*

Essa, a literatura que deveria, de preferência, inspirar-nos. Esses, os themes que devem os nossos vates e novellistas abordar; themes que infelizmente tem impressionado mais aos advenas do que mesmo aos filhos da nossa terra.

Não se limitou Gonçalves de Carvalho a ser o mavioso poeta, cuja lyra retesa pelos enthusiasmos juvenis vibrou, em notas de amor

ou de saudade, idyllica ou elegiacamente; o monographista arguto e dotado de penetrante visão que percutiu os themes variados que se ligam a evolução material de Mato Grosso; o parlamentar zeloso e dedicado, que se identificou dia a dia com os interesses dos seus mandantes; o novellista delicado e observador feliz da nossa natureza e dos nossos hábitos do «interior»: maior e mais efficiente se nos depara ainda a sua actividade na esphera social, se o encararmos como uma das figuras representativas dessa década de 1870, tão pródiga, como a seguinte, em bellos talentos e optimas iniciativas, no meio cuyabano.

Sob vários aspectos se lhe póde encarar a actuação no período em que lhe incumbiu exercer a sua judicatura entre nós <sup>(12)</sup>, quer como auditor de guerra, quer como juiz de direito da capital, quer ainda no Tribunal da Relação, em que lhe coube, com jurisdicção plena, funcionar, em 1874. Reduzi-los-emos, entre tanto, a uma tríplice manifestação do seu formoso espírito: — a acção jornalística, a abolicionista e a social propriamente dita, de árduo propugnador da cultura e do ensino.

Como homem de imprensa, Carvalho foi um paradigma e um exemplo. Sem restringir o seu apostolado ao domínio puramente literário — que não seria escasso arroteio dos campos do pensamento — o poeta da “Flor de Neve”, também exímio prosista, <sup>(13)</sup> deixou trabalhos pertencentes aos mais diversos gêneros, abordando, sempre com precisão e clareza, vários assumptos de interesse geral. “O Liberal”, folha a que assiduamente emprestou a sua collaboração, publicou, três annos a fio, de 1873 a 1875,

(12) Carvalho esteve em Cuyabá em duas épocas diversas — de 1871 a 1876, sahindo em Janeiro deste anno para a Corte («O Liberal» de 26 de dezembro de 1875) e depois de 1877 a 1878, quando, já viúvo, se retirou definitivamente desta Capital.

(13) Como cultor da prosa literária deixou, alem do romance já referido, vários folhetins interessantes publicados n’«O Liberal», entre 1874 e 1875, entre outros *Achina*, impressões de campanha, e o conto estrambótico-phantástico-verdadeiro «A idade de lama».



O POETA DA “FLOR DE NEVE” — 1931

seus artigos e poesias, ora sob responsabilidade da redacção, ora assignados, ora sob pseudonymo, como A. Bueno ou Mericano. Theses de direito internacional com brilho desenvolvidas, como “Questões de limites ou conquista por meio de guerra” — serie edicionada em 1874; ensaios doutrinários de política; desenvolvimentos do seu velho thema, a ferrovia para Mato Grosso, em vários artigos e cartas: eis a bagagem jornalística propriamente dita do emérito polygrapho, sempre voltado para as altas elucubrações superiores da intelligencia e para os grandes assumptos collectivos.

(continua)

JOSÉ DE MESQUITA

**O Poeta da “Flor de Neve”**

In: *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro. Ano V, (outubro de 1931), nº 58, p. 115-117.

(Antônio Gonçalves de Carvalho)

V

(Conclusão)

A luta pela abolição em Matto Grosso merece que se lhe escreva a historia pormenorizada, a fim de que se possa fazer um juízo do que foi, entre nós, esse nobre movimento de cultura política e solidariedade humana. O que se sabe acerca das nossas sociedades anti-escravistas é muito pouco ainda em confronto com a realidade, mas basta a dar a impressão de que a campanha que teve por *condottieri* Nabuco, Patrocínio e Luis Gama, encontrou, em nossa terra, *habitat* propicio e sympathias ardorosas.

Quando tivermos Historia — e já a vamos tendo, pouco a pouco — e não annaes, como os chinezes, na phrase de Euclides da Cunha, se poderá verificar o alcance da campanha abolicionista que, em Matto Grosso, foi memorável.

A chegada a Cuyabá do vapor *Amélia*, que trouxe a noticia da lei de 28 de Setembro de 1871, ensejou aos abolicionistas a fundação da «Sociedade Emancipadora Mattogrossense», com o fim de promover a realização do grande problema que apaixonava os espíritos liberaes da época. A 2 de dezembro de 1872 se installava a humanitária agremiação, sob a presidência do Barão de Aguapehy, servindo de vice o dr. Antônio Gonçalves de Carvalho, que, nessa mesma sessão, proferiu lindo e conceituoso discurso.

Os jornaes coévos dizem eloquentemente da dedicação que pôs o nosso biographado no servir á grande causa.



Em quasi todas as sessões do conselho administrativo, que se faziam na casa do presidente, Carvalho, presente, tinha oportunidade de suggerir proposições opportunas. Na festa que a sociedade promoveu a 28 de setembro de 1873, para commemorar o segundo anniversário da lei Visconde do Rio Branco, foi distribuída uma longa e inspirada poesia da sua lavra, na qual, em se referindo á escravidão e á benemérita lei que redimiu os innocentes filhos do captivo, assim se exprime:

*«Concepção monstruosa! atroz estado  
Ante o qual a Razão geme abatida!  
Se é pena, passa até do delinqüente,  
Vae alcançar o misero innocente,  
Mal sae das mãos de Deus e surge á vida!*

*.....*  
*Mas partem-se as algemas nos seus pulsos  
E nella de Deus cumpre-se a vontade!  
Brilha em seu rosto a máxima ventura ...  
Ah! quem os benefícios com mão pura  
Espalha assim? quem sois? A Caridade. <sup>(14)</sup>*

Da actuação de Carvalho em prol do nosso desenvolvimento mental e da nossa cultura fala expressivamente a fundação, em 1874, do Gabinete de Leitura de Cuyabá, no governo do dr. José de Miranda da Silva Reis. Constitue índice flagrante do seu carinho e dedicação por esse empreendimento o livro de registo das actas das sessões da Commissão nomeada pelo presidente da Província «para tratar dos trabalhos para o definitivo estabelecimento do Gabinete de Leitura.»

Esse livro, com a extinção do gabinete, veio ter ao Archivo ecclesiástico, onde mãos piedosas o abrigaram da dispersão e extravio — provavelmente as do P. José Joaquim dos Santos Ferreira, secretario da alludida Commissão.

(14) Datas, II, 215.

Delle nos proporcionou a leitura gratas impressões, confirmando-nos no espirito a idea da capacidade de trabalho do juiz Carvalho, que, em tudo que emprehedia, punha alma, coração e vigor. A iniciativa do Gabinete deve-se ao presidente Miranda Reis, auctorizado pela lei de 30 de maio de 1874, no período que Virgilio Correa Filho chamou «a década fecunda» <sup>(15)</sup>, precedendo de 10 anos a criação da Associação Literária Cuyabana, outra bella empresa lamentavelmente fracassada.

O nosso douto ephemerista Estevão de Mendonça refere nas «Datas Mattogrossenses» a installação do gabinete, sob a rubrica 23 de Abril, havendo, porem, um engano da sua parte, pois a installação se deu, como se vê da acta respectiva, a 30 de abril de 1874. Também na menção dos membros componentes da Commissão encarregada da organização do gabinete, há o lapso do nome do dr. Augusto Novis, referido na primeira acta datada de 21 de dezembro de 1873. Nessa sessão preliminar foi eleito o dr. Antonio Gonçalves de Carvalho presidente da Commissão, sendo por elle proposto que a mesma se dirigisse ao Ministro do Império solicitando a remessa de collecções de leis e publicações da Imprensa Nacional. A Commissão, o realizou duas sessões preparatórias — sendo a segunda a 2 de Janeiro de 1874, na qual sob a proposta do presidente foram tomadas importantes deliberações attinentes a installação do gabinete.

Bem pouco resta dizer do grande e dedicado amigo da nossa terra, cuja individualidade ahi fica pallidamente esboçada. Um traço, entretanto, do seu character, modesto e desprendido, deve aqui ficar, encerrando, como chave de ouro, esta insulsa chronica. Ao partir, em 1876, após quasi um lustro de permanência, em nosso meio, onde só deixou fagueiras e gratas recordações do seu trato lhano e da sua irreprochavel linha de proceder <sup>(16)</sup>, cogitaram os seus amigos da classe forense em offerecer-lhe um baile de despedida.

(15) Questões do ensino, 31.

(16) O Liberal, de 17 de junho de 1874, noticia uma bella manifestação que lhe fizeram os diamantinenses, quando a então villa do Alto Paraguay deixou de pertencer a jurisdicção da Comarca da Capital.



Assim narra «O Liberal» de 26 de dezembro de 1876 o facto altamente abonatório do seu bello coração: «Consta-nos que tendo a classe forense offerecido um baile ao dr. Antonio Gonçalves de Carvalho em prova do apreço que consagra ao seu character independente como magistrado, e reconhecimento aos serviços que tem prestado á província, pedio o mesmo Dr. que o producto das contribuições para semelhante fim fosse applicado na libertação de um escravo, a qual effectuará no dia 31 do corrente, por occasião de um jantar que a referida classe offerta ao nosso amigo.»

Nobre sempre, digno e superior, Antonio Gonçalves de Carvalho, que era official da Imperial Ordem da Rosa, cavalleiro da Ordem de Christo e condecorado com a medalha de guerra do Paraguay — tinha a sua nobreza maior, o seu mais bello pergaminho, na grandeza do espírito e do coração.  
É esta, de resto, a única e verdadeira nobreza.

Cuyabá, Abril MCMXXXI

José de Mesquita